



HAL
open science

O Projeto Waraná: comercio justo dos produtos dos jardins florestais Sateré Mawé

Bastien Beaufort

► **To cite this version:**

Bastien Beaufort. O Projeto Waraná: comercio justo dos produtos dos jardins florestais Sateré Mawé. Povos indígenas, Tradicionais e Quilombolas. Biodiversidade e Políticas Públicas no Brasil, pp.186-190, 2021. halshs-03336083

HAL Id: halshs-03336083

<https://shs.hal.science/halshs-03336083v1>

Submitted on 10 Sep 2021

HAL is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.

guaraná atingiu o valor de US\$ 3,4 bilhões, com 60% relativo a refrigerantes, bebidas alcoólicas e outros produtos que o utilizam. A previsão é de chegar a US\$ 7,4 bilhões em 2026. A produção do Brasil, em 2017, superou os 37 milhões de reais, com uma valorização de 416% ao longo de 12 anos. A AmBev, principal fabricante de refrigerantes nacionais, trabalha com mais de 1.300 produtores rurais de guaraná. Os Sateré-Mawé com menos de 500 famílias. A multiplicação de valor de ponta a ponta da cadeia produtiva do waraná dos Sateré-Mawé, no comércio justo, é de entre 25 a 30 vezes. No caso das outras cadeias produtivas do guaraná é de 300 vezes. Além das iniciativas amazônicas tratadas até aqui, várias outras podem ser destacadas (ver Box 23).

Após um processo que durou quatro anos, o INPI (Instituto Nacional da Propriedade Industrial) concedeu, em 13 de outubro de 2020 (sob Código 395) o “[...] *certificado de reconhecimento do nome geográfico ‘Terra Indígena Andirá-Marau’, para “waraná (guaraná nativo) e pães de waraná (bastão de guaraná)” como denominação de origem (DO) [...]*” (BRASIL-INPI, 2020, p. 23). Entre os propósitos da medida é mencionado que o território sateré-mawé continue a salvaguardar “*a peculiaridade do banco genético in situ do Waraná, único no mundo*” (p. 15). O regulamento da denominação de origem reforça o sistema tradicional de manejo da planta com especificações tais como o plantio de mudas de guaraná oriundas de “mães do waraná” presentes na floresta. Trata-se do primeiro reconhecimento de um produto indígena como denominação de origem dentre os quatorze produtos nacionais já reconhecidos até essa data.

BOX 22 – O Projeto Waraná: comércio justo dos produtos dos jardins florestais Sateré-Mawé

Bastien Beaufort¹⁰⁴

Waraná: “Princípio do conhecimento” na língua Sateré-Mawé, Denominação de Origem da planta conhecida internacionalmente como Guaraná, cujo nome científico é *Paullinia cupana* var. *sorbilis*.

Em 1993, a Antropóloga Alba Figueroa, que fazia a sua tese de Doutorado em Antropologia na École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS) apresenta Claudie Ravel, fundadora e diretora da empresa francesa Guayapi Tropical a Obadias Batista Garcia, Presidente da Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (COIAB) e liderança do Conselho Geral da Tribo Sateré-Mawé (CGSTSM). A Guayapi Tropical é uma empresa dedicada à revalorização da cultura de plantas oriundas das florestas da Amazônia e do Sri Lanka. O Conselho Geral da Tribo Sateré-Mawé, através

¹⁰⁴ Guayapi, Slow Food Internacional, Universidade Paris-Cité, Rede Internacional da Floresta Análoga, Disco Soupe.

de lideranças como Obadias Batista Garcia e o Tuxaua Zuzu, procurava exportar o seu Waraná oriundo da Terra Indígena Andirá-Marau nos mercados de nicho na Europa, conforme os princípios do comércio justo.

Inicialmente o Projeto Waraná exportou os primeiros 20 kg de Waraná para a Itália, com a rede de comércio justo CTM-Altromercato, mas rapidamente, em 1996, a Guayapi Tropical tomou a liderança da compra do Waraná nativo Sateré-Mawé da Terra Indígena Andirá-Marau, declarando-o, junto com os demais produtos florestais, sob a regulamentação europeia de complementos alimentares.

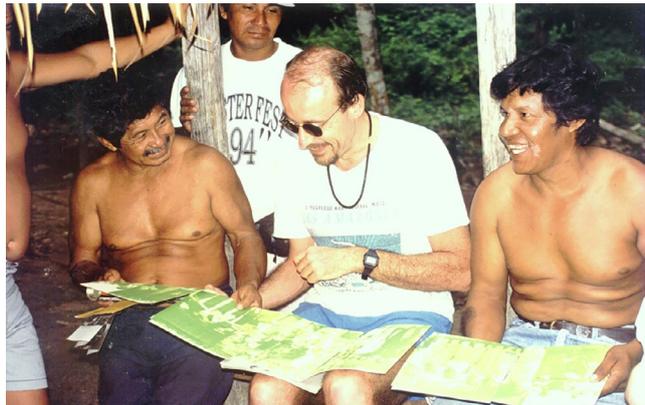


Figura 16. Reuniões para a realização de acordos de comércio justo do Conselho Geral da Tribo Sateré-Mawé (CGTSM). Esquerda: renovação dos acordos de comércio justo entre o CGTSM e a Guayapi Tropical em 2008. Direita: aliança entre o CGTSM e a CTM-Altromercato em 1993. Fonte: Nusoken/Portal dos Filhos do Waraná (www.nusoken.com).

Em 2020, a rede de distribuição dos produtos Sateré-Mawé, cuja lista está detalhada abaixo, chega a 3.000 lojas especializadas em produtos orgânicos e de comércio justo na França, entre os quais podemos destacar Biocoop (700 lojas), Naturalia (250 lojas), e Satoriz (50 lojas) além de lojas independentes e distribuidores internacionais na Bélgica, na Espanha, na Itália, na Alemanha, na Guiana Francesa, nas Antilhas e na Coreia do Sul, entre outros.

O preço pago pela Guayapi Tropical ao Consórcio dos Produtores Sateré-Mawé (CPSM), que é a quarta Secretaria do CGTSM e assume o papel de comercialização dos produtos oriundos do Jardim do Imperador Sateré-Mawé ou do Nusoken (é assim que os Sateré-Mawé chamam mitologicamente os lugares originários da Terra Indígena Andirá-Marau), é de 50€ / kg de Waraná, sendo assim o maior preço pago por Guaraná do mercado mundial e agregando até 10 vezes mais valor aos produtores que no âmbito da economia de mercado convencional.

EXEMPLE DE RÉPARTITION DU PRIX ÉQUITABLE POUR LE WARANA (GUARANA DES TERRES D'ORIGINE)

RÉPARTITION DU PRIX DE VENTE FINAL POUR 65G DE WARANA

Prix d'achat 65g	3.52€	13.1%
Packaging	0.95€	3.5%
Conditionnement	0.35€	1.3%
Certificats, analyses...	0.48€	1.8%
Stockage	0.29€	1.1%
Transport vente	1.34€	5%
Administration	1.34€	5%
Commercialisation	4.82€	18%
Communication	1.34€	5%
Marge détaillant	10.90€	40.7%
TVA	1.47€	5.5%
Prix public boîte Warana	26.80€	100%

RÉPARTITION DU PRIX CHEZ LES PRODUCTEURS POUR 1KG DE WARANA

Prix d'achat à la productrice et au producteur de Warana	10€	20%
Organisation du Consorcium, soutien à l'auto-organisation de la communauté et du territoire et de ses projets de développement	8€	16%
Promotion de l'image du projet et formation générale des cadres dirigeants	5€	10%
Développement de la meliponiculture	6.5€	13%
Certification des produits, système de contrôle interne	5€	10%
Service juridique	3.50€	7%
Service comptable	3€	6%
Transport local et régional entre les villages	4€	8%
Soutien aux projets de développement intégré du Conseil Général des Tribus Sateré Mawé (CGTSM)	2.5€	5%
Soutien au projet d'ethnodéveloppement avec l'ONG ACOPIAMA	2.5€	5%
Prix de vente	50.00€	100%

Figura 17. Esquerda: decomposição do preço de uma caixa de 65 g de Waraná Sateré-Mawé vendida por Guayapi para os consumidores finais. Direita: decomposição do preço de 1 kg de Waraná Sateré-Mawé vendido pelo CPSM para as empresas parceiras. Fonte: <https://www.guayapi.com/nos-filieres/>.

Ao longo dos 27 anos de Projeto Waraná, o Waraná, produto estrela desse comércio justo, ganhou vários reconhecimentos institucionais e de qualidade, dos quais podemos destacar os seguintes:



Restauration des écosystèmes et de la biodiversité.



Figura 18. Certificados recebidos pelo Projeto Waraná. Da esquerda a direita: certificado da associação Slow Food Internacional para o reconhecimento do Waraná nativo Sateré-Mawé e do Mel de Abelhas Canudos sem ferrão como Fortalezas; certificado da associação Rede Internacional da Floresteria Análoga (IAFN-RIFA) para o reconhecimento do Waraná e demais produtos oriundos da Terra Indígena Andirá-Marau dos Sateré-Mawé como Produtos de Jardim Florestais (FGP); certificados da União Europeia sobre a qualidade Agricultura orgânica do Waraná e demais produtos oriundos da Terra Indígena Andirá-Marau dos Sateré-Mawé. Fonte: Slow Food, Certificação Forest Garden Products, Agriculture Biologique (selo francês e europeu).

No início do Projeto Waraná em 1995, a Terra Indígena Andirá-Marau era povoada por 6.000 pessoas. Hoje em dia são 17.000 Sateré-Mawé morando nesse território. Por sua parte, o CPSM é composto por 337 famílias de produtores e produtoras indígenas. O CPSM comercializa os seguintes produtos, dos quais a Guayapi compra 90% do volume para manter a floresta e não depender de um cultivo só, conforme aos princípios da Floresteria Análoga: Waraná (*Paullinia cupana* var. *sorbilis*), Guaraná (de produtores caboclos da região, *Paullinia cupana* var. *sorbilis*), Copaíba (*Copaifera officinalis*), Andiroba (*Carapa guianensis*), Urucum (*Bixa orellana*), Unha-de-Gato (*Uncaria tomentosa*), Muirapuama/Mirantã (*Ptychopetalum olacoides*), Ipê-Roxo / Pau-d'Arco (*Tecoma adenophylla*), Muiraruira, Pau-Rosa (*Aniba rosaeodora*), Jenipapo (*Genipa americana*), Breu-Branco (*Protium* spp.), Mandioca (*Manihot esculenta*), mel, pólen e própolis das abelhas Canudo, além de muito artesanato.



Figura 19. Nusoken: primeira marca registrada de um povo indígena no Brasil. O CPSM é também a primeira empresa indígena no Brasil a ter sido registrada no Sistema de Comercio Exterior do Brasil, o SisComex. Fonte: Nusoken (www.nusoken.com).

Em termos microeconômicos, o Projeto Waraná chegou a representar 15% da renda total das famílias produtoras Sateré-Mawé associadas ao CPSM. Em nível macroeconômico, o Projeto Waraná chegou a um volume de negócios para o CPSM / CGTSM de R\$ 500.000 até R\$ 1 milhão por ano, desde os anos 2000 até hoje em 2020. Essa durabilidade ao longo do tempo

é notável para um povo indígena de 17.000 pessoas que organizam um “Projeto Integrado de Etno-Desenvolvimento”, cujo eixo é a raiz cultural do Waraná dentro do povo Sateré-Mawé e seu território através do comércio justo.

As razões da aceitação social do Waraná como produto de nicho nos mercados europeus no século XXI são históricas: as plantas tônicas sempre foram desejadas no Velho Continente desde pelo menos o século XVI, e a introdução do café, do chá e do cacau, num movimento dirigido pela demanda. Porém, o comércio justo do Waraná e os demais produtos originários das florestas amazônicas hoje em dia, segue complexo, e é um projeto político que procura empoderar os produtores nas cadeias produtivas, no âmbito do reconhecimento da cultura indígena e da conservação, restauração e valorização da biodiversidade.

Vídeos em:

Bastien Beaufort de Guayapi invité de Marc Menant sur “Vent Positif” CNEWS, 02/09/2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7bW-W21r2Nz4>.

Amazonie: les indiens Satéré Mawé et le commerce equitable du guarana. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JmeI2obE86k>.

Box 23 – Outras iniciativas de comercialização de espécies e cadeias produtivas

Isabel Harari¹⁰⁵

- Óleo de Babaçu Menire, produzido por mulheres Xikrin, é premiado pela ONU (ISA). Disponível em: <https://www.socioambiental.org/pt-br/noticias-socioambientais/oleo-de-babacu-menire-produzido-por-mulheres-xikrin-e-premiado-pela-onu>. Acesso em: 11 mar. 2019.

- ISA. Provamos que é possível gerar renda com a floresta em pé. Disponível em: <https://www.socioambiental.org/pt-br/noticias-socioambientais/provamos-que-e-possivel-gerar-renda-com-a-floresta-em-pe#:~:text=N%C3%B3s%20desmentimos%20isso%20e%20provamos,%E2%80%9D%2C%20conclui%20a%20lideran%C3%A7a%20xinguana>. Acesso em: 11 mar. 2019.

- ‘Floresta em pé’ vira negócio para quilombolas (Valor Econômico). Disponível em: <https://www.valor.com.br/brasil/3639392/florestaem-pe-vira-negocio-para-quilombolas>. Acesso em: 11 mar. 2019.

- Quilombolas de Oriximiná abrem mercado internacional para o óleo de copaíba (Imaflora). Disponível em: <http://imaflora.blogspot.com/2014/08/quilombolas-de->

105 Instituto Socioambiental (ISA).